



## AO VOO DA IMAGINAÇÃO o enlevo de sonhar e o prazer de ensinar e aprender à luz de Bachelard<sup>1</sup>

Lúcia Helena Batista Gratão <sup>2</sup>

**Resumo:** A escrita que se destina rumo à educação delinea-se aos olhos da perspectiva fenomenológica. A luz resplandecente desta perspectiva impulsiona-nos ao enlevo de sonhar e o prazer de ensinar e aprender à luz de Bachelard. A esta luz noturna compõe-se este ensaio geográfico-pedagógico (en)levado ao voo da imaginação. Um voo que conduz à liberdade e, nessa liberdade, o pleno direito de sonhar. Bachelard, o filósofo-sonhador (en)leva-nos ao campo encantado da educação. Uma educação projetada à vista de uma escola com direito a sonhar. Uma escola com espaço de “fazer sonhar”. Uma escola de sonhos! Esse é o propósito - sonho sonhado! Que esse sonho enleve os encantados com o campo da educação - destinação desta escrita tracejada pela fenomenologia bachelardiana! Ao voo - imaginação!

**Palavras-chave:** Geografia Humanista. Bachelard. Fenomenologia. Educação Geográfica. Escola de Sonhos.

## TO THE FLIGHT OF THE IMAGINATION the delight of dreaming and the pleasure of teaching and learning based on Bachelard

**Abstract:** The writing destined for education is delineated in the eyes of the phenomenological perspective. The glittering light of this perspective propels us into the delight of dreaming and the pleasure of teaching and learning based on Bachelard. To this nocturnal light is composed this geographic-pedagogical essay delighted with the flight of imagination. A flight that leads to freedom and, in that freedom, to the full right to dream. Bachelard, the philosopher-dreamer delight us and take us to the enchanted field of education. An education designed for build a school with the right to dream. The school as a place to "make dreaming". A school of dreams! That is the purpose – dream a dream! That this dream enlightens the enchanted with the field of education – the destine of this writing dashed by the bachelardiana phenomenology! To the flight - imagination!

**Keywords:** Humanist Geography. Bachelard. Phenomenology. Geographical Education. School of Dreams.

[...] em nossa solidão, sem possibilidade de recorrer a sondagens psicológicas, devemos procurar os nossos documentos. Eles vêm dos livros – toda a nossa vida é leitura.

Gaston Bachelard, 1988a, p. 24.

---

<sup>1</sup> Este texto foi originalmente publicado no livro *Múltiplas Geografias - Ensino, Pesquisa -Reflexão*, editado pelo curso de Especialização em Ensino de Geografia da Universidade Estadual de Londrina, com atualizações e adaptações para esta publicação.

<sup>2</sup> Pós-doutorado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Rio Claro (SP). Doutora e Mestre pela Universidade de São Paulo (USP). Docente Adjunta da Universidade Estadual de Londrina (UEL) / Departamento de Geociências. E-mail: [aguasdelu@yahoo.com.br](mailto:aguasdelu@yahoo.com.br)



Gostaria que cada dia me caíssem do céu, a cântaros, os livros que exprimem a juventude das imagens. [...] pois lá em cima, no céu, não será o paraíso uma imensa biblioteca?

Gaston Bachelard, 1988a, p. 26.

A imaginação tenta um futuro; ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. [...] Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é nosso. Existe um futurismo em todo universo sonhado.

Gaston Bachelard, 1988a, p.8.

[...] chegamos, pelos caminhos da imaginação, a uma geografia de sonhos.

Eric Dardel, 2011, p. 5.

## IMPULSO AO VOO

O ensejo maior para a escrita desse pequeno ensaio surge a partir da pequena-grande obra “Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação”, escrita por duas grandes estudiosas de Bachelard, Elyana Barbosa e Marly Bulcão, e publicada em 2004. Mais recentemente, tenho me debruçado sobre essa obra quando tenho procurado estudar sobre a educação geográfica. O meu primeiro contato com Bachelard foi pela “A água e os sonhos” no decorrer dos anos de 1990-1991 quando me deixei encantar pelas suas escritas e acabei sendo enlevada a fazer o doutorado à sua luz da imaginação (GRATÃO, 2002). Agora, encontro na escrita de Barbosa e Bulcão (2004) uma grande contribuição e um forte impulso para alçar voo pelo campo da geografia no sentido da educação. A esse impulso, trazer para a geografia a contribuição desse pensador, que como apresentado no livro, tornou-se uma referência quase universal na discussão filosófica atual, ao articular a epistemologia e a história, a razão e a imaginação, o homem do dia e o homem da noite, o cientista e o artista. Consciente de que, infelizmente, sua abordagem não é fácil, dada a própria constituição de seu pensamento e de seu discurso textual, o que dificulta o acesso a seu pensamento, particularmente pelos jovens estudantes.

Como reafirmam Barbosa e Bulcão (2004, p. 12): “Bachelard não é um filósofo fácil. Sua obra é como sua vida, que vai se constituindo de instantes e, por isso, ele se impõe como um pensador desafiador e instigante que convida a todos aqueles que têm uma mente plural a pensar com ele. Depois de mais de duas dezenas de livros escritos e muitos artigos, declara com convicção: “Eu estudo, sou apenas o sujeito do verbo estudar” (BACHELARD, 1975, p. 55).



Isso tudo é fascinante em Bachelard! Verdade mesmo, o que mais fascina nesse filósofo e pedagogo; cientista e artista é a relação profunda que existe entre a sua obra e a sua vida. “Vida e obra: rupturas e discontinuidades” (BARBOSA e BULCÃO, 2004, p. 17).

O fato de descender de uma família pobre não fez com que Bachelard tivesse uma infância menos feliz. As recordações dos momentos de alegria que viveu quando criança são constantes em suas obras poéticas e a presença da natureza foi marcante, tanto em sua vida como em sua obra. Bachelard é um filósofo camponês, pois, ao contrário de outros pensadores, cuja formação se deu nos grandes centros intelectuais parisienses, formou-se numa província rústica do campo e passou sua infância em contato com os elementos da natureza, só se mudando para Paris na maturidade. A origem rústica e camponesa de Bachelard conferiu à sua obra traços marcantes que foram os responsáveis pela originalidade de sua obra (BARBOSA e BULCÃO, 2004, p. 17-18).

O projeto bachelardiano de expressar adequadamente o novo espírito científico e de elaborar uma fenomenologia do imaginário deixa entrever o papel estrutural e arquitetônico da razão e da imaginação que, na produção de conceitos ou de imagens, faz do ato criador o objetivo primordial da vida humana. Assim, Barbosa e Bulcão (2004) enlevam mais ainda, o ensejo deste ensaio que tem como destinação o sentido de incorporar à educação geográfica o enlevo de sonhar e o prazer de ensinar à luz de Bachelard. Um ensaio geográfico-pedagógico que procura seguir pelas asas da imaginação. Um trajeto que liberta o trabalho criador; liberta o fazer criador. Imprudência da liberdade. “E nessa liberdade: o pleno direito de sonhar” (PESSANHA, 1994, p. xxx). “A imaginação conduz à liberdade, pois permite o surgimento do novo e do inesperado. A preocupação primordial de Bachelard é, pois, mostrar como se dá a instauração do novo e do abrupto que irrompem de forma imprevista em nosso caminho” (BARBOSA E BULCÃO, 2004, p. 75).

Educação provém de duas palavras latinas - *educare* e *educere*. O primeiro, *educare*, significa orientar, nutrir, decidir num sentido externo, levando o indivíduo de um ponto onde ele se encontra para outro que se deseja alcançar; o segundo, *educere*, se refere a promover o surgimento de dentro para fora das potencialidades que o indivíduo possui. Estamos acostumados com o significado de *educare*, favorecendo o estabelecimento de currículos e programas de ensino, mas precisamos resgatar o outro. Essa escrita traçada em (con)texto da *geographia* tem como propósito incitar reflexões



no (con)texto do *educere* - tirar de dentro - por ser necessariamente motivada pela paixão, pelo prazer do conhecimento voltado para a dimensão humana da vida, dimensão do Humano, dimensão do *ser* humano.

A esse propósito, a escrita a que se estende neste ensaio textual tem como destinação o sentido de estimular uma reflexão em torno da educação. Educação enquanto processo de mudança, em sentido ampliado de movimento, deslocamento, abertura, projeção. Mudança enquanto expressão de postura e pensamento envolvendo conceitos, ideias, consciência e imaginação. Essências que envolvem o espírito humano, pois através de imagens e ideias revela a vontade, o desejo, o ensejo, o enlevo – o vôo da imaginação.

Daí a expressão *educere* que significa conduzir-se de um lugar ao outro ou de uma situação para outra. Nesse sentido, uma educação que vem de dentro para fora e não apenas a educação formal, mas tudo que a permeia e a ela é atribuído; tudo que a envolve e a que destina. Desse modo, entendendo que tudo é uma abertura para o mundo; tudo que se abre para o mundo. É um estar no mundo aberto às descobertas, angústias, realizações, prazer, sonho. Afinal, educação é muito mais do que produzir conhecimento formal, é ampliar horizontes, transformar atitudes, abrir-se para o mundo. É, assim, dar asas à imaginação; é deixar-se enlevar pelo vôo da imaginação.

A imaginação é que nos move; é que nos enleva; enleva nossa alma! É ela, esta palavra mágica que estimula e impulsiona à reflexão em torno da educação. De acordo com Barbosa e Bulcão (2004, p. 50), “apesar do tema da educação não ter sido tratado de forma explícita e direta por Bachelard, é possível, retirar de suas obras contribuições importantes para a pedagogia que levariam à constituição de um novo modelo de escola e de aprendizagem”. O tema da educação está presente na obra bachelardiana através da noção de formação, termo constante em todos os seus textos. E, então, seguindo a leitura de Barbosa e Bulcão (2004, p. 50), educação para Bachelard implica fundamentalmente na formação do sujeito. A noção de formação, segundo o filósofo, é muito mais completa e abrangente do que a de educação. “Bachelard exalta a criação e a invenção, mostrando que o ato de conhecer não se reduz à repetição monótona e constante de verdades absolutas e imutáveis que, uma vez alcançadas, se solidificam, ancorando-se no porto seguro da memória” (BARBOSA e BULCÃO, 2004, p. 51). Diante do exposto, entende-



se o exercício permanente de reflexão e de diálogo no sentido de uma formação plena do indivíduo, através da dinâmica de reconstrução de novas idéias.

À luz desse horizonte de educação, o espaço da imaginação na educação geográfica impulsiona-nos ao enlevo de sonhar e o prazer de ensinar e aprender à luz de Bachelard. A imaginação “não é, como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade: é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que *cantam a realidade*” (BACHELARD, 1989, p. 18). A esse enlevo, sonhar é preciso. É preciso sonhar! Sim, quem sonha move o mundo e faz a vida acontecer. Sonhemos! Todos os dias, todas as horas, mesmo que tudo pareça tão impossível. Como dissera Charles Chaplin, nunca se afaste de seus sonhos, pois, se eles se forem, você continuará vivendo, mas terá deixado de existir. Pensemos nisso. Enquanto há sonhos, há vida. E o filósofo da imaginação eleva o nosso enlevo quando diz: “Deve-se definir um homem pelo conjunto das tendências que o impelem a ultrapassar a *humana condição*” (BACHELARD, 1989, p. 18).

Nesse sobressalto, inscreve-se um propósito permanente de Bachelard, filósofo e pedagogo: valorizar a imaginação e ensinar a usá-la. Legitimar o devaneio liberador, conceder-se - e conceder-nos – o humano direito de sonhar (PESSANHA, 1994). Ao enlevo desse propósito bachelardiano, deixamo-nos ensinar e aprender com ele: “A imaginação inventa mais que coisas e dramas; inventa vida nova, inventa mente nova; abre olhos que têm novos tipos de visão. Verá se tiver “visões”. Terá visões se se educar com devaneios antes de educar-se com experiências, se as experiências vierem depois como provas de seus devaneios” (BACHELARD, 1989, p. 18).

Devemos abrir os olhos à vista de uma escola que ensina mais que coisas e dramas; que inventa vida nova, que inventa mente nova. Uma escola de sonhos. Uma escola com espaço para a imaginação. Uma escola com direito a sonhar. Uma escola sonhada e projetada à luz da imaginação. Uma escola feita de sonhos e sonhadores. Um espaço feliz. “O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 1988b, p. 19).



## UMA ESCOLA COM ESPAÇO PARA A IMAGINAÇÃO – ESPAÇO DE “FAZER SONHAR”

Sonho, visão ou poesia, o menino me aparecia trazendo sobre seus sonhos uma estrada. O menino era alegria e a estrada não lhe pesava. Sonho, lucidez ou fantasia. Eu tinha diante dos olhos e da mente o caminho da vida.

Milton Nascimento  
CD - *Ânima*, 1982

Como edificar uma Escola de Sonho se não se sonha? Se não se deixa sonhar? A esse enlevo, é preciso dar asas à imaginação. Se Ensinar é um dos mais belos trabalhos, Educar é uma tarefa árdua, e que começa conosco em si mesmo, para depois passar ao ensino com o outro. Um ato fascinante, uma atitude deslumbrante que só se realiza no campo da imaginação quando o sonho nos arrasta para o envolvente “espaço onírico” construído numa geometria que se contrapõe à da vigília. “Se devêssemos, então, propor um único predicado para o ato de ensinar, diríamos “*ensinar é fazer sonhar*”, é levar a sonhar, levar a descobrir, a criar seu próprio mundo” (CARUSO E FREITAS, 2013, p. 3).

Não há como fazer sonhar, se não se faz sonhador. Não há como fazer sonhar, se não é sonhador. Não há como fazer sonhar, se não se deixa sonhar. É preciso que se sonhe com profundidade. “O sonhador não consegue sonhar diante de um espelho que não seja ‘profundo’” (BACHELARD, 2008, p. 157). A esse enlevo, “é fundamental que seja o educador a dar profundidade a esse espelho, através de sua própria imagem, reflexo de um conjunto de valores e saberes adquiridos. É ele que deverá motivar seus alunos a sonharem, sob pena de levá-los à frieza da incredulidade. Sua postura diante da vida - da própria vida e da vida dos outros - é determinante. [...] A mera transferência de conhecimento, ou de informações, jamais levará um sujeito a “sonhar” [...] Ao educar-se com esse espírito, o sujeito passa a ver a vida com outros olhos, adquire uma nova visão do mundo e de si mesmo, e vislumbra a possibilidade de “fazer a sua história”, conforme seus sonhos” (CARUSO e FREITAS, 2013, p. 4).

É esse o sonho enlevado ao voo da imaginação que embala e circunscreve esta projeção. De onde parte a projeção? Quem é o projetor? A projeção parte da imaginação e o projetor é o filósofo francês Gaston Bachelard. Mais que um filósofo, que um



epistemólogo, um pedagogo, um sonhador. À luz da imaginação projeta-se a capacidade de fazer sonhar. Esta capacidade inerente do ser humano de libertar o espírito, de despertar para o mundo.

O grande documento desse ensinamento encontra-se na prateleira da filosofia – à mesa do filósofo - subscrito à luz do pensamento fenomenológico por Bachelard. É quando o filósofo da ciência expõe seu lado noturno. Bachelard sonha – e nos convida a sonhar. A esse enlevo - filosófico – temos também o direito de sonhar em geografia. Direito que Bachelard nos concede. Bachelard sonha – e nos arrasta para o envolvente “espaço onírico”, e, nesse enlevo ao vôo da imaginação, alçamos o “espaço geográfico”.

O geógrafo busca compreender o mundo, e, nessa busca, segue com “uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva (DARDEL, 2011, p. 1). Destino e destinação pelo universo da geografia que enleva a imaginação a percorrer a escrita da Terra – *geographia* -, decifrando os signos ocultos a que se ligam à Terra. O geógrafo enquanto sonhador de mundo prescrito pela “geografia de sonhos”, segue procurando preencher os “espaços vazios” dos nossos “mapas de sentimentos” e [...] chegamos pelos caminhos da imaginação, a uma geografia de sonhos” (DARDEL, 2011, p. 5). “Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho” (BACHELARD, 1989, p. 5).

A esse convite abrimos nossos olhos, nossas janelas para um mundo novo, mundo do sonho e deixamo-nos projetor para o universo da imaginação poética. “[...] a imagem poética está sob o signo de um novo ser. Esse novo ser é o homem feliz”. (BACHELARD, 1988b, p. 13). “O sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância da felicidade” (BACHELARD, 1988a, p. 12). E o educador-geógrafo ao vôo da imaginação se enleva ao prazer de ensinar e aprender. E, então, deslumbra-se o caminho em vislumbre para fazer sonhar uma escola que nos dá o *direito de sonhar*. A força do sonho e da liberdade de sonhar. “O medo de sonhar é o medo de ser livre”, lembrando a música de Beto Guedes “O medo de amar é o medo de ser livre”:

O medo de amar é o medo de ser livre  
Para o que der e vier  
Livre para sempre estar  
Onde o justo estiver



O medo de amar é o medo de ter  
De a todo momento escolher  
Com acerto e precisão  
A melhor direção

Escola sonhada! “É agora o reino da imaginação liberta e feliz, repousando finalmente só em si mesma. Repousando, ambivalente, em seu próprio dinamismo interior. E sempre aberta para o futuro e para além-do-homem” (PESSANHA, 1994, p. xxx). Pois, “A imaginação tenta um futuro. A princípio ela é um fator de imprudência que nos afasta das pesadas estabilidades. Veremos que certos devaneios poéticos são hipóteses de vidas que alargam a nossa vida dando-nos confiança no universo pelo devaneio”. Nesse sentido, Bachelard nos dá prova dessa confiança no universo pelo devaneio: “Um mundo se forma no nosso devaneio, um mundo que é o nosso mundo. E esse mundo sonhado ensina-nos possibilidades de engrandecimento de nosso ser nesse universo que é o nosso. Existe *futurismo* em todo universo sonhado” (BACHELARD, 1988a, p. 8).

No ensejo de uma escola com espaço para a imaginação, o enlevo desse pensador “é um *permanente convite ao voo*.”

Sua mesa de filósofo, confessa esse incansável leitor, é na verdade sua “mesa de existência”, existência sempre em tensão: em tensão para adiante, um mais adiante, um acima. Sobre essa mesa – temos nós também o direito de sonhar, direito que Bachelard nos concede -, como uma Vitória helênica, a imaginação abre suas duas asas imensas (PESSANHA, 1994, p. xxx-xxxii).

Um filósofo que formou o seu pensamento atendo-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu o mais exatamente possível a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer o seu saber, romper com todos os hábitos de pesquisas filosóficas, se quiser estudar os problemas propostos pela imaginação poética (BACHELARD, 1988b, p. 1). Com esta revelação Bachelard nos incita e nos impulsiona a alçar vôo. “O vôo ascensional de verticalidade permite, pois, à consciência viver o novo e o abrupto, crescendo o eu de novas vivências, o que leva ao progresso espiritual” (BARBOSA e BULCÃO, 2004, p. 72).

Bachelard nos convida a enlevar-nos num sentido contrário ao da continuidade horizontal da duração, a partir do maravilhamento que uma experiência do instante





fecundo de criação racional e estética pode proporcionar. Um convite para se viver a “contratempo” e a “contra-senso”. Isto significa que a escola não deve ser um simples prolongamento da vida e do senso comum social.

Nesse sentido, para aprender é necessário ser dinâmico e resistir a tudo aquilo que representa passividade e acomodação. O conhecimento não pode ser jamais contemplativo e ocioso, mas implica em trabalho, em retificação, em mudança. É necessário a retificação dos conceitos anteriores, a renovação constante das imagens e o desejo de instaurar o novo. A escola é, pois, um lugar “no qual o sujeito, em construção permanente, renasce a cada instante como um ser renovado” (BARBOSA e BULCÃO, 2004). Nesse enlevo educar, mais do que nunca depende da capacidade de fazer o aluno sonhar. Sonhar e deixar-se enlevar pelo prazer de ensinar e aprender. Esta é a projeção da escola que se sonha! Uma escola com espaço para a imaginação – espaço de “fazer sonhar”!

### **O LUGAR DA IMAGINAÇÃO NA SALA DE AULA – “LER” E “FAZER SONHAR” O MUNDO-MUNDOS**

Ler nos enleva a imaginação! “Quantas vezes, de uma simples brochura, jorrou para mim a luz de uma imagem nova!” (BACHELARD, 1988a, p. 25). Quantas vezes, de uma brochura, jorra em nós a luz de um mundo novo! Ler nos enleva a viajar o mundo, a explorar o mundo. “Ler” nos enleva a conhecer o mundo – *Terra*. Este ato ensaiado-encenado na sala de aula é o (pré)texto para o enlevo de sonhar o mundo – *Terra* - e o prazer de ensinar e aprender. O grande enlevo é, verdadeiramente, encontrar no ato de “ler” a mediação entre o homem e o mundo pela via da imaginação. Sonhos e devaneios se enlevam nesta projeção imagética e imaginária. “Qual planeta me aconselha a visitar? – perguntou o pequeno príncipe - A Terra – respondeu o geógrafo” (SAINT-EXUPÉRY, 2006, p. 56).

“Ler” a Terra é uma maneira de viajar o mundo – sonhar o mundo - destino e destinação do geógrafo ao maravilhamento da Terra. À vista do geógrafo Eric Dardel, “A Terra é um *texto* a decifrar, o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto (DARDEL, 2011, p. 2).



“Ler” a Terra - *geografia* - é um enlevo para quem gosta de viajar o mundo - destino e destinação do geógrafo para conhecer o mundo – *Terra - geografia*. Como se lê na escrita do geógrafo Eric Dardel:

A geografia é, segundo a etimologia, a “descrição” da Terra; mais rigorosamente, o termo grego sugere que a Terra é um *texto* a decifrar, que o desenho da costa, os recortes da montanha, as sinuosidades dos rios, formam os signos desse texto. O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino. Não se trata, inicialmente, de um atlas aberto diante de seus olhos, é um apelo que vem do solo, da onda, da floresta, uma oportunidade ou uma recusa, um poder, uma presença (DARDEL, 2011, p. 2).

Viajar o mundo – sonhar o mundo - destino e destinação do geógrafo. Esse mesmo geógrafo deve buscar também prazerosamente, abrir os livros, os olhos e deixar-se viajar para outros horizontes de contemplação. Horizontes que conduzem ao mágico e misterioso universo da imaginação à luz de Bachelard. Esse mesmo filósofo que ama os livros, que declara o seu amor aos livros! (GRATÃO, 2008). Bachelard sonha - e nos arrasta para o envolvente “espaço onírico”. Bachelard sonha - e nos desvela a essência mesma do poético (PESSANHA, 1994). Bachelard sonha - e nos impulsiona a investigar o campo possível do direito de sonhar em geografia (GRATÃO, 2006; 2008; 2010; 2013; 2016). Esta é a dimensão de mundo pela qual nos enleva a sonhar. Sonhar o mundo! “Fazer sonhar” o mundo!

A leitura nos ajuda a construir sonhos e nos aproxima da compreensão do mundo. Ela nos permite viajar, sonhar. Transporta-nos para lugares diferentes e nos faz conhecer várias coisas, porque, existem coisas que só é possível experimentar com a leitura, sem de fato, experimentar fisicamente. Ela é capaz de (en)levar nossa alma! Motivações não faltariam para mostrar quanto vale a pena desfrutar de um livro – alimentar-se de um livro. Busquemos momentos que nos permitam desfrutar do gosto e do prazer da leitura. Pesquisemos sobre as obras que desejaríamos ler. Sejam os clássicos ou os novos talentos, sejam da Geografia, da Filosofia, da Gastronomia, das Artes.

Existem leituras que nos agradam e outras não. Nem todos nós enxergamos o mundo da mesma maneira, e, isso acontece também no ato de ler. Você pode não se encantar com o livro que está lendo hoje, ou mesmo não encante com tantos outros. O que vale a pena mesmo é entregar-se ao prazer da leitura! Deixar-se se enlevar pela magia



da viagem, a magia do sonho. Deleitar-se pelo direito de sonhar geografia! Deleitar-se pelo prazer de ler e conhecer a Terra! (GRATÃO, 2013). Deleitar-se pelo prazer de ensinar e aprender ao enlevo do sonho. Deleitar-se pelo maravilhamento de “fazer sonhar” e a alegria de ensinar e aprender quando se dá lugar à imaginação na sala de aula. Deleitar-se ao enlevo do sonho! “Gostaria que cada dia me caíssem do céu, a cântaros, os livros que exprimem a juventude das imagens. Esse desejo é natural. Esse prodígio, fácil. Pois lá em cima, no céu, não será o paraíso uma imensa biblioteca?” (BACHELARD, 1988a, p. 26). Gostaria que os mapas e atlas e todos os documentos de “escrita” da Terra, me revelassem o sentido de-estar-no-mundo de-ser-no-mundo ao vôo da imaginação!

### **SALA DE AULA AMBIENTADA COM MESA DE CAFÉ E LIVROS – SONHO ENLEVADO À LUZ DE BACHELARD**

A escrita final desse ensaio é uma composição de experiências ensaiadas e encenadas na sala de aula com alunos do curso de Especialização em Ensino de Geografia nos entremeios da Oficina “A Poética do Imaginário Geográfico” em torno da abordagem humanista fenomenológica focando a poética do imaginário geográfico à luz bachelardiana.

A oficina se estende de um campo de conhecimento que historicamente, se inscreve na relação Homem/Natureza - Homem/Terra. “Uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino”, como escrevera Dardel (2011, p.1-2) em sua geografia fenomenológica, que segundo Holzer (2011, p. 143), “existe, um interessante paralelismo entre a carreira e os temas de Dardel e de Bachelard. Um paralelismo entre dois nomes de interesse para o campo de estudo a que se destina essa escrita. Mais que um paralelismo, um encontro de duas referências fundamentais de abordagem que se convergem no campo a que se inscreve esse ensaio.

Tendo como papel principal de encenação a abordagem humanista cultural a Oficina se instala, seguindo os traços de bases experienciais e fenomenológicas, “essas experiências de lugares e paisagens, tanto as agradáveis como as desagradáveis que todos têm embora não conheçam nada de *Geografia* como ciência formal” (RELPH, 1979, p. 1) e que nos conduz a perceber os múltiplos sentidos que representam a percepção para o



ser humano na concepção de mundo, no relacionamento com a paisagem e o lugar, o encontro com a Terra e o amor pelo lugar (DARDEL, 2011; THUAN, 1961; 1980). Estudos dessa natureza se instauram pela busca de experiência através de sensações, informações, narrativas, evocações, significados, revelações. Experiências que se desvelam do imaginário e que se revelam pela poética. Nessa perspectiva, segue-se pelo transcurso fenomenológico no sentido de exploração da imaginação geográfica.

Por esse (per)curso, a proposta ensaiada é apenas uma das muitas maneiras de fazer Geografia, permeando pelos múltiplos campos de possibilidades de ensino, no sentido de despertar o aluno para um aprender que se constrói no rico espaço da sala, buscando contemplar o tema em estudo pelo diálogo a partir da leitura e da arte de conversar na sala de aula ambientada com mesa de livros e café. Uma possibilidade que se apresenta aos professores de utilizar “outras maneiras” de dar aulas partindo da imaginação criadora. Da liberdade de criar. Uma abertura para ensinar e aprender Geografia de maneira prazerosa, animada e articulada num diálogo ressonante entre livros e café.

Partindo dos pressupostos teóricos, metodológicos e práticos, a Oficina é conduzida pelo “olhar” fenomenológico à luz bachelardiana abrindo espaço para diálogos através de leituras que envolvem a imaginação geográfica. Convidam-se osicineiros que venham preparados para encontro e conversas animadas permeadas por momentos lúdicos proporcionados pela imaginação criadora. O ato criativo é um modo de descobrir novas maneiras de fazer geografia. Fazer sonhar! O olhar, a leitura, a conversa instruindo e instruídos pela imaginação geográfica!

Sala de aula ambientada com mesa de café e livros é uma composição inspirada no “*Café com Leitura*”, Grupo de Estudos que tem como propósito o sentido de despertar e estimular o prazer de ler ao sabor do café e a arte de conversar. Nesse clima de leitura e café não se esquecendo da imaginação geográfica a que se projeta por todo o universo de apreciação das obras e suas essências, e, aos entremeios desta luz de projeção criadora os encontros e conversas se animam ao sabor do café (GRATÃO, 2013). O prazer de ler ao sabor do café, uma arte inspirada na arte de conversar (MORELLET et al, 2001). Uma (com)posição que se (ex)põe como apreciação de conhecimento geográfico de base fenomenológica no sentido de ampliar os espaços de leitura e o seu papel na formação geográfica.



Os alunos-oficineiros como viajantes-geógrafos realizam seu destino: *anúncio, chegada, leitura, café* - o inevitável *encontro* ao escolher a destinação. E, finalmente, apreciação e degustação dos alimentos-elementos (ex)postos-servidos à mesa - livros e café. Todos os atos e gestos entoando-se em animadas notas pelo prazer da leitura e do sabor de café. Ler e tomar café, um ato *geográfico-pedagógico* que se realiza em encontros & conversas. Conversações em torno de (com)posições e essências conceituais, teóricas e metodológicas (GRATÃO, 2016; 2013; 2012; 2011; 2010a; 2009; 2009b; 2009a; 2008; 2006; 2005; 2002) à luz da imaginação e ao sabor do café (GRATÃO, 2009b; 2009a).

Arte de conversação: “esse meio de prazer e de felicidade, tão útil, tão inocente, tão fácil para todos os homens, e tão conveniente para todas as idades e para todas as condições da vida, que negligenciamos, ou do qual abusamos com tanta leviandade” (MORELLET, 2001, p. 125). “Modo de ensinar e aprender entoado por animadas conversas. Sabor da leitura ao sabor do café, um *fazer lúdico-pedagógico*” (GRATÃO, 2013, p. 92-93). Sala de aula ambientada com café e livros sobre uma só mesa. Leitura e café, arte que se põe a saborear enquanto arte de educar.

A prática de ensinar nunca foi tão desafiadora como no início deste século. O papel do professor adquiriu novos estereótipos, entre eles o de encarar a prática docente como uma parte pouco expressiva para a aprendizagem dos alunos, já que com as novas tecnologias, o acesso à informação foi facilitado e a busca do conhecimento, também. Contraditoriamente, ganharam-se espaço, as discussões em torno da dificuldade dos professores em despertarem os alunos para a leitura e, conseqüentemente, para o conhecimento. O reflexo disso é visto nos dados da pesquisa realizada em 2012 pelo Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), divulgada pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM, 2012) e pela ONG Ação Educativa, mostrando que 38% dos estudantes no nível superior não dominam habilidades básicas de escrita e de leitura.

Nesse sentido, existe uma necessidade imperiosa no Ensino de Geografia em pensar estratégias que levem os alunos a se aproximarem dos livros e se apaixonarem pela leitura e o sabor do conhecimento. O prazer de ler é uma estratégia que deve ser restaurada e reencantada. Ler é um princípio do verbo estudar, como declara o filósofo dos livros: “Eu estudo! Sou apenas o sujeito do verbo estudar. Pensar, nem tento. Antes de pensar, é preciso estudar” (BACHELARD, 1975, p. 55). A paixão de Bachelard pela leitura tem-



nos incorporado e nos enlevado a desenvolver estratégias que propõem despertar o prazer da leitura e, principalmente, a possibilidade de nos encantarmos pelos livros apaixonando-nos pela arte de viajar e sonhar à luz da imaginação. Ler por prazer é o que estamos procurando despertar.

A ambientação da sala de aula com mesa de café e livros proporciona um ambiente prazeroso com a sensação de que estamos fora das quatro paredes de uma sala de aula formal. Espaços agradáveis sempre foram atrativos para os homens e, desse modo, os alunos procuram se envolver prazerosamente, e, entoando as conversas em torno das leituras e ao sabor do café, vão compartilhando e ampliando o campo de conhecimento geográfico.

Como anunciado, a tradicional sala de aula formal passa a um espaço prazeroso de encontro, onde se reúnem alunos atraídos pelo enlevo de ler, sonhar e conhecer o “mundo” ao prazer dos prescritos geográficos e os seus deciframentos. À luz da imaginação bachelardiana, nesse espaço se reúnem os que atenderam ao convite para a Oficina de Poética do Imaginário, e, que a esse espaço se destinaram a assistir e apreciar a composição.

### **1º ATO...**

#### **APRESENTANDO-SE E CONHECENDO O *OUTRO* NA RELAÇÃO DE-ESTAR-NO-MUNDO - DE-SER-NO-MUNDO**

Na sala de aula ambientada com mesa de café e livros chegam os alunos. Cada um ocupando seu lugar de preferência em círculo. Acomodados, iniciam-se os trabalhos da Oficina. No primeiro ato, é feita a apresentação numa atitude de conhecer o *outro* na relação de estar no mundo – de-ser-no-mundo. Um ato importante na relação de ensinar e aprender. No ato de se apresentarem desvelam e revelam o sentido estar-ai-aqui: os seus desejos, buscas, descobertas. O ritual é conduzido por indagações dirigidas ao coletivo, como por exemplo: Por que estou aqui? O que me traz aqui? O que venho em busca? O que espero levar de volta? O que aprender? Como aprender? O que pesquisar? Como pesquisar? O que ensinar? Como ensinar? Indagações que nos enlevam ao desvelamento e revelações. Indagações que nos levam a compreender o sentido de fazer o que fazemos e o que desejamos fazer, compreender o sentido de estarmos aqui, de estarmos no mundo.



Indagações que nos enlevam ao sentido de-estar-no-mundo - ser-no-mundo. Que sentido tem tudo isso que envolve o nosso cotidiano, o nosso mundo?

Feitas as reflexões em torno das indagações, cada um se dirige a uma parede da sala onde está fixada uma grande folha de papel kraft, e, nela escreve uma expressão que foi desvelada e revelada ao longo do processo de reflexão. O propósito deste ato? Construir um mapa – uma cartografia de ideias, sentidos, sentimentos, desejos, buscas, encontros, descobertas. Ou seja, o que esse ato pode revelar diante da proposição da Oficina inscrita e circunscrita segundo os pressupostos de abordagem humanista fenomenológica no ensino de Geografia numa perspectiva bachelardiana.

E é assim que o devaneio ilustra um bem estar. O sonhador e seu devaneio entram de corpo e alma na substância Ada felicidade. [...] Assim, é todo um universo que contribui para a nossa felicidade quando o devaneio vem acentuar o nosso repouso. A quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz. Então o devaneio percorre o seu verdadeiro destino: torna-se devaneio poético: tudo, por ele e nele, se torna belo. [...] O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. [...] Pela imaginação, graças às sutilezas da função do irreal, reingressamos no mundo da confiança, no mundo do ser confiante, no próprio mundo do devaneio. [...] E foi assim que viemos a pensar: é com o devaneio que se deve aprender a fenomenologia (BACHELARD, 1988a, p. 13-14).

Esse é um momento fascinante! Ao olhar para o mapa os alunos se surpreendem com as revelações – a atitude criativa – os devaneios. Como é possível chegar a tal criação! “Ao espírito convém a paciência de instruir-se ao longo do passado do saber. O passado da alma está longe! A alma não vive ao fio do tempo. Ela encontra o seu repouso nos universos imaginados pelo devaneio”. (BACHELARD, 1988a, p. 14).

Ao vôo da imaginação rumo à geografia enlevada pelo espírito humanista fenomenológico, em um ato criativo de desvelamento, se revela!

## **2º ATO...**

### **HORA DO CAFÉ – MOMENTO DE LEITURA**

À mesa de café encontram-se as obras a serem apreciadas pelos alunos. Nesse ato, os alunos se põem em torno da mesa e cada um pega um livro entre os que se (ex)põem à mesa de café e senta-se em um canto da sala, e, ao sabor do café passa-se à apreciação da leitura. Um gesto de deleite ao prazer de ler e ao sabor do café. Nesse gesto, entramos



no mundo mágico da viagem – uma viagem através das letras – uma viagem pelo mundo dos livros. Uma viagem de sonho!

É o momento que os alunos têm contato com as obras que envolvem a temática da oficina. Uma maneira de acessar as obras de referência, e, não só de citá-las. Um ritual importante para o acesso às obras de referência lidas em sala de aula numa atitude de encontro e conversas. Um ritual que se põe a seduzir aqueles que gostam de ler e conversar, aqui, aos que procuram uma maneira prazerosa de ensinar e aprender geografia. Um espaço de leitura agregado ao próprio espaço da sala de aula. Uma biblioteca dentro da sala de aula. Nesse espaço encontram-se os itens indispensáveis para realizar a leitura permeando-se pelo entusiasmo e alegria daqueles que se deixam enlevar pelo vôo da imaginação, atraídos pelo prazer de ler e conhecer o mundo da geografia pelo universo da arte de conversar. Ao final desse ritual, todos se despedem com um gostinho de quero mais! Ler mais! Viajar mais! Sonhar mais!

Como foi anunciado, sobre a mesa estão vários livros, cada um pega aquele que se deixar atraído, seja pelo título, pelo autor ou pela capa, e, até mesmo, pela cor, pela forma, pelo número de páginas ou o tamanho do livro. Os livros vão sendo apreciados ao gosto de cada um seguindo a composição da mesa. Um gesto que segue procurando estimular cada vez mais, o diálogo com a obra e o autor, e, ao mesmo tempo, o diálogo entre os leitores da sala de aula em torno do tema principal ampliando o campo de conhecimento sobre o que foi apreciado ao prazer de cada leitura. Um gesto diferente daquele que acontece na biblioteca, por exemplo, quando o professor pede aos os alunos para lerem na biblioteca. Lembrando que a biblioteca é fundamental, mas, aqui o sentido é outro. O propósito é outro.

É importante lembrar que com esse modo de se proceder na sala de aula tem-se o cuidado de que a conversação gire em torno do que é (com)posto à mesa. Não se tomando esse cuidado pode-se comprometer o verdadeiro sentido da conversa (GRATÃO, 2013).

### **3º ATO... DIVAGAÇÕES E REVELAÇÕES**

O ritual do café continua por todo o tempo que durar a Oficina, ou seja, a mesa de café continua (ex)posta e (com)posta ao longo do tempo das divagações e revelações em torno das leituras realizadas. Agora, permeando pelo espaço da sala de aula - café –





biblioteca - de livro na mão passamos às divagações. Nesse ato, cada leitor procura expor os desvelamentos diante da obra lida em torno do que a leitura lhe proporcionou aos entremeios da arte de conversar.

O mapa de ideias - cartografia de sentidos - continua exposto na parede que nesse ato, cada um se volta ao que foi mapeado-expresso quando se refletia diante das indagações iniciais. Nesse ato, mais que reflexões, são divagações e revelações, pois, são “reflexões” extraídas de leituras, de escritas referenciais de obras-livros lidos. Sim, claro, ideias referenciadas, leituras referenciadas, mas, lembrando que todos os atos são ensaiados e enlevados ao voo da imaginação! Não é esse o sentido da escrita desse ensaio?!

E, então, todo o enlevo passa a se constituir como um ato lúdico-geográfico-pedagógico de ensinar e aprender. Encontro e conversas de essências teóricas, metodológicas e conceituais em torno da poética do imaginário pela perspectiva geográfica de base fenomenológica. Um ato de “fazer” enquanto um “fazer” didático-pedagógico. Um ato de “fazer” geográfico ao prazer de ensinar e aprender lendo, viajando, sonhando. Um ato quase em desuso que se põe à mesa da sala de aula para servir e servir-se.

No sentido de estimular e substanciar as divagações e revelações, (ex)põe-se nesse momento na tela do datashow a imagem de uma criança que tem no colo um globo terrestre com a inscrição: Geografia é “descrição” da Terra – a Terra é um *texto* a decifrar” (DARDEL, 2011, p. 2), seguida pela citação: “O conhecimento geográfico tem por objeto esclarecer esses signos, isso que a Terra revela ao homem sobre sua condição humana e seu destino” (DARDEL, 2011, p. 2).

O sentido da imagem? O que esta imagem - Globo -Terra-Mundo - envolvida por uma criança pode enlevar nossas divagações no sentido da imaginação geográfica e da poética do imaginário? Maravilhamento? Acolhimento? Contemplação? Cumplicidade? Pertencimento? Encantação? Exaltação? O prazer de viajar o Mundo? O prazer de explorar o Mundo? O enlevo de sonhar o Mundo?

Que relação se faz com a geograficidade inscrita na obra de Eric Dardel?

Antes do geógrafo e de sua preocupação com uma ciência exata, a história mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer



o desconhecido, atingir o inacessível, a inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma *geograficidade* (*géographicité*) do homem como modo de sua existência e de seu destino (DARDEL, 2011, p. 1-2).

Que relação se faz com esta escrita? O geógrafo enquanto explorador de paisagens e lugares – leitura e documentos - segue procurando preencher os “espaços vazios” dos nossos “mapas de sentimentos”. Esse mesmo geógrafo deve buscar também prazerosamente, abrir os livros, os olhos e as janelas para outros horizontes de saberes. Horizontes que conduzem a viajar pelo mágico e misterioso universo da imaginação e o direito de sonhar (GRATÃO, 2008) e alcançar o lugar de encantamento da educação geográfica! (GRATÃO, 2013).

Que relação se faz com a postura do filósofo da poética do espaço e da poética do devaneio. Um filósofo que ama os livros. Que declara o seu amor aos livros! (GRATÃO, 2008; 2013). Um filósofo que revela sua imaginação material:

A terra natal é menos uma extensão do que uma matéria: é um granito ou uma terra, um vento ou uma seca, uma água ou uma luz. É nela que materializamos os nossos devaneios; é por ela que nosso sonho adquire sua exata substância; é a ela que pedimos nossa cor fundamental. Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água autônoma sabe de todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes (BACHELARD, 1989, p. 9).

E, então, encaminhando para o encerramento desse ensaio ensaiado e encenado na sala de aula, em aproximação com a performance é um esforço de expressar e imprimir a vontade de fazer da sala de aula um lugar de devaneio. E, em cena, pareceu-me enlevar o enlevo do sonho. Um ato acadêmico que procura transfigurar a linguagem racional da ciência em linguagem poética. Ciente do esforço e do enlevo, a decisão de expor o processo de “criação” pareceu ter enlevado o “criador”. Seria a arte, ou o humano, a força de criação? Uma “abertura para o mundo”. “O devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos” (BACHELARD, 1988a, p. 13).

Ao voo da imaginação bachelardiana o enlevo ao ato de educar pelos caminhos da geografia. Viajante aprendiz, o geógrafo é um explorador de paisagens e de lugares –



explorador de mundos. Sonhador de mundos. Mundos sonhados à luz bachelardiana que se projeta ao universo da leitura. Para Bachelard, a imaginação antecede o pensamento. “Sonha-se antes de contemplar. Antes de ser um espetáculo, toda paisagem é uma experiência onírica. Só olhamos com paixão estética as paisagens que vimos antes em sonho” (BACHELARD, 1989, p. 5).

Bachelard sonha - e nos arrasta para o envolvente “espaço onírico”. Bachelard sonha - e nos desvela a essência mesma do poético (PESSANHA, 1994). Bachelard sonha - e nos incita a investigar o campo possível do direito de sonhar geografia!

Esse ensaio é um enlevo de tudo isso revelado no papel da leitura e no prazer de ensinar e aprender no sentido de formação pelo “fabuloso mundo” da educação geográfica; “fabuloso mundo” de encantamento geográfico.

De corpo e alma impregnado por essências lúdico-geográficas, finda-se esse prazeroso (per)curso lúdico-pedagógico ao voo da imaginação, e, a esta ascensão pedagógico-geográfica, o prazer de quem gosta de ensinar e o enlevo de “fazer sonhar” uma escola de sonho.

Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina.

Cora Coralina

Educar deve ser um ofício prazeroso para quem ensina e para quem aprende.

Rubem Alves

## REFERÊNCIAS

- BACHELARD, G. **La flamme d`une chandelle**. 5. ed. Paris: PUF, 1975.
- \_\_\_\_\_. **A poética do devaneio**. (Tradução: Antonio de Padua Danesi). São Paulo: Martins Fontes, 1988a.
- \_\_\_\_\_. **A poética do espaço**. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988b.
- \_\_\_\_\_. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. Tradução: Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- \_\_\_\_\_. **O direito de sonhar**. Tradução: J. Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.
- \_\_\_\_\_. **A terra e os devaneios da vontade**: Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- BARBOSA, E. ; BULCÃO, M. **Bachelard** - pedagogia da razão, pedagogia da imaginação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- CARUSO, F. & FREITAS, M. C. Silveira de. Educar é fazer sonhar. [Disponível em: http://www.cbpf.br/~eduhq/html/publicacoes/links.../ciencia.../cs00903.pdf](http://www.cbpf.br/~eduhq/html/publicacoes/links.../ciencia.../cs00903.pdf) Acesso em 06/12/2013.



- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. (Tradução: Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011.
- HOLZER, W. A Geografia Fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: Natureza da Realidade Geográfica. (Tradução: Werther Holzer). São Paulo: Perspectiva, 2011, p. 141-159.
- GRATÃO, L. H. B. O direito de sonhar em geografia: projeção bachelardiana. Rev. abordagem gestalt. [online]. 2016, vol.22, n.2, pp. 148-155. ISSN 1809-6867
- GRATÃO, L. H. B. O prazer da leitura e a arte de conversar – ao sabor do café - “Café com Leitura”. In: MOURA, J. D. P. et al. (Orgs.) **Práticas em educação socioambiental**. Londrina: UEL, 2013, p. 83-97.
- \_\_\_\_\_. Sabor & paisagem à luz de Bachelard. **Geograficidade**, v.2, n.1, Verão 2012, p. 30-41. ISSN 2238-0205.
- \_\_\_\_\_. Por entre becos & versos – a poética da cidade vi(vi)da de Cora Coralina. In: MARANDOLA JR. e GRATÃO, L. H. B. (Orgs.) **Geografia & Literatura – Ensaios sobre Geograficidade, Poética e Imaginação**. Londrina: EDUEL, 2010a, p. 297-328
- \_\_\_\_\_. Bachelard telúrico – uma leitura à luz dos devaneios do repouso. In: Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, **Anais**, Porto Alegre, 2010b.
- \_\_\_\_\_. Geografia do café – do sabor a terra. **Anais. XXV SEMANA DE GEOGRAFIA DA UEL/IV Seminário de Geografia do Norte do Paraná**, 05 a 09 de outubro de 2009b, Londrina, ISBN 978-85-98054-13-1.
- \_\_\_\_\_. Ecologia de paisagem ao sabor da terra. In: SEABRA, G. **Educação ambiental**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2009a, p. 25-38.
- \_\_\_\_\_. O direito de sonhar em geografia – à luz bachelardiana. In: Encontro Nacional de Geógrafos - ENG, **Anais**, São Paulo, 2008.
- \_\_\_\_\_. Da projeção onírica bachelardiana, os vislumbres da geopoética. In: OLIVEIRA, L.; (Org.) **Geografia, percepção e cognição do meio ambiente**. Londrina: Edições Humanidades, 2006, p. 165-189.
- GRATÃO, Lúcia Helena B.; ARCHELA, Rosely S.; BARROS, Mírian V. F.; BARROS, Omar N. F. Londrina - imagens, paisagens & personagens: um olhar geográfico pelo Atlas Digital. In: SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA, PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO DO MEIO AMBIENTE, 2005, Londrina. **Anais**. Londrina: UEL, 2005. [CD-ROM]
- GRATÃO, Lúcia Helena B. A Poética d' "O RIO" - ARAGUAIA! De cheias... & vazantes... (À) Luz da Imaginação. **Tese** (Doutorado). FFLCH-USP, 2002.
- \_\_\_\_\_.; MARANDOLA JR., E. Sabor da, na e para geografia. **Geosul**, Florianópolis, v. 26, n. 51, p. 59-74, jan/jun, 2011.
- \_\_\_\_\_. Imagens, paisagens & personagens. In: ARCHELA, R.; BARROS, M. V. F. (Orgs.). **Atlas urbano de Londrina**. Londrina: EDUEL, 2009.
- IPM - INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Instituto Paulo Montenegro e ação educativa mostram evolução do alfabetismo funcional na última década**. Disponível em: [http://www.ipm.org.br/ipmb\\_pagina.php?mpg=4.03.00.00.00&ver=por](http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.03.00.00.00&ver=por). Acesso em: 17. jul. 2012.
- MORELLET, A. et al. (Org.) **A arte de conversar**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- MORELLET, A. Da Conversação. In: MORELLET et al. (Org.) **A Arte de Conversar**. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 125-168.



- PESSANHA, J. A. M. Bachelard: as asas da imaginação. In: BACHELARD, G. **O direito de sonhar**. Tradução: José Américo Motta Pessanha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994, p. v-xxxii).
- RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, abril 1979.
- SAINT-EXUPÉRY, A. de. **O pequeno príncipe**. Tradução: Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006. .
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. (Tradução Lívia de Oliveira). São Paulo: Difel, 1980.
- \_\_\_\_\_. Topophilia or, sudden encounter wiht landscape. **Landscape**, v. 11, n. 1, p. 29-32, 1961.